

Os psicanalistas e a formação psicanalítica

Sara Guimarães Nunes

O que é um analista e a partir de que se constitui ?

Estas questões nortearão a busca daquilo que pretendo comunicar. Ainda que por vezes se demande análise movido pelo desejo de ser analista, isso não basta para sustentar uma longa experiência de análise, condição com a qual fica implicado alguém que venha a se tornar analista. Mesmo quando, inicialmente, um sujeito precisa se apegar a este dito para estar diante de um analista, possivelmente ao prosseguir em seu discurso poderá ou não confrontar-se com outras razões para além daquilo que, em princípio, afirmou. Com isto não descarto a importância do fato de que para o engajamento em uma análise, faz-se necessário que o sujeito se implique diante de seu desejo em enveredar neste investimento, formulando questões sobre as quais deseja saber.

Portanto, a demanda por análise, recorrendo a um *outro*, já implicaria alguma constatação, por parte do demandante, da falta de algo que escapa ao seu saber, instituindo assim um reconhecimento deste saber ao atribuí-lo a outro que não a ele mesmo. Quanto às questões relativas a uma demanda de análise, reconhecemos a importância dos seus desdobramentos. Todavia, estas exigiriam outras digressões, levando a um distanciamento do tema que aqui propomos como questão, *ou seja, o que ou como se constitui um analista e suas implicações com a formação psicanalítica.*

Um analista é efeito, resultado, de uma longa experiência de análise, o que não quer dizer que todos que passem por esta experiência serão analistas no sentido de exercerem esta função clínica. Não se trata de uma escolha fundamentada num ato de vontade, senão que esta escolha esteja posta pelos significantes que compõem cada sintoma e que ordenam a estrutura do desejo – desejo de saber. Citando Lacan, **em A Instância da letra no ICS ou a Razão** desde Freud, “*É a verdade do que esse desejo foi em sua história que o sujeito grita através de seu sintoma, como disse Cristo que teriam feito as pedras, se os filhos de Israel não lhes houvessem emprestado sua voz*”.¹

Quando referimo-nos ao termo *longa análise* pretendemos com isso qualificar a especificidade desta experiência, calcada nos níveis da fala, ou de suas instâncias do Real, do Simbólico e do Imaginário, e não apenas apontar uma cronologia de sucessão de dias, meses ou anos de divã. Reportamos assim, ao que se efetiva como um campo próprio ao inconsciente, particularizado pela *alíngua*, relançando-nos na *linguagem*, em relação ao *falasser* (sujeito-que-fala).

Apartir dessas considerações, diria ser possível a um analisante reconhecer, ao término de sua análise, um novo sentido ao qual as análises das transferências puderam encaminhá-lo, às suas afirmações, ao Outro, a princípio constituído como o sujeito suposto saber, o qual, numa nova direção se constitui, desvelando ser o sujeito suposto, e não mais o saber. A transferência que pôde sustentar tal suposição prossegue para o analista/analisante, em outras formas de demandar amor, este amor agora referido à falta constituinte do humano – de onde resulta um analista, do que resulta ser possível continuar, prosseguir a sua análise ao acompanhar outras análises.

Eis uma das maneiras de um término de análise – o encontro ou reencontro com o resto, este produtor de outros sentidos em que o analista fica constantemente convocado, nesta função, a um lugar que ocupará diferentemente a cada análise que lhe é demandada, ou, porque não dizer, a cada sessão?

Nesse ponto então, de atravessamento desses ideais, tempo em que o sujeito se percebe dividido entre o que é possível saber e o que do recalque faz sua função de velamento, de barra. Interditado como sujeito, falar do que sabe ou pensa saber, a sua verdade, esta é a sua condição, às voltas com o seu desejo de saber, confrontando-se com as aparições de suas *formações do inconsciente*, um saber que tem como suporte a transferência. Por esta via, em que se transferem significantes ao Outro, ao Sujeito suposto Saber, sobre o qual se supõe que saiba o que lhe escapa saber, percorrendo a cadeia significante, num movimento de produzir simbólico a partir do que as palavras primeiras, iniciais camuflam, fazem semblante, mas sendo esta mesma a função da língua. Cito Lacan, em A Instância da letra e a razão desde Freud, quando nos diz : “*O que essa estrutura da cadeia significante revela é a possibilidade que eu tenho, justamente na*

*medida em que sua língua me é comum com outros sujeitos, isto é, em que essa língua existe, de me servir dela para expressar algo completamente diferente do que ela diz. Função mais digna de ser enfatizada na fala que a de disfarçar o pensamento do sujeito: a saber, a de indicar o lugar desse sujeito na busca da verdade”.*² Se a língua é universal, a linguagem nos particulariza, sendo-nos possível um dizer proveniente das representações do nosso inconsciente, deste Outro que nos constitui, singular, portanto, a cada um. Destaco no seminário *A Transferência*, uma passagem em que Lacan nos diz, “*Não há língua, por mais primitiva que seja, onde tudo não possa, finalmente, se exprimir, salvo que, como diz o provérbio da região de Vaud, tudo, tudo é possível ao homem, o que ele não pode fazer, ele deixa - o que não puder se exprimir na dita língua, pois bem, simplesmente isso não será sentido nem subjetivado. Se subjetivar é tomar lugar num sujeito, válido para um outro sujeito (...)*”. E ao dizer: “*Toda bateria significante pode lhes dizer que aquilo que ela não pode dizer nada significará no lugar do Outro. Ora, tudo o que significa para nós se passa sempre no lugar do Outro. Para que alguma coisa signifique, é preciso que ela seja traduzível no lugar do Outro*”.³

Assim dizemos ser, só a posteriori, que nos damos conta da nossa linguagem como inscrição subjetiva. Nada é absolutamente descoberto e nem poderia ser; se assim fosse correríamos o risco da loucura. As palavras portam mesmo esta função de velar. Analisante e analista vão se surpreendendo com o estrangeirismo do dizer, desses elementos significantes da linguagem, os quais, à medida em que vão emergindo num dizer, a mirada é saber de onde provém, o que quer dizer dizendo isso. Assim, sempre remetidos para além do dito, o que é diferente da tarefa de querer compreender o enunciado, o analista presta-se ao lugar de vazio, receptivo ao que está por vir.

Portanto, *um analista* se produz, se in(forma) pela via das *suas formações do inconsciente*, da pluralidade de manifestações psíquicas das quais é portador. Eis, por onde se constitui um analista.

Reafirmamos o aforismo lacaniano de que não conhecia outra *formação* senão as *formações do inconsciente*, certos de que é pela via de uma análise que nos autorizamos a ocupar esta função. Vale ressaltar que, para o que nomeamos e reconhecemos como uma

formação psicanalítica, exigem-se outros engajamentos fundamentais, como uma supervisão, espaço também de confrontações das resistências do analista, e longe do equívoco de se pensar que se trata de um lugar em que se ensine uma técnica, de como operar a clínica, também como numa análise, ficamos convocados aí a construir e preservar o estilo de manejar as transferências pela via de uma ética, a do desejo.

Quando Freud funda a psicanálise, desde então, o faz como um marco na história do movimento psicanalítico quando se reunia na sua casa, na rua Berggasse, em Viena, com outros colegas no intuito de trocarem suas leituras e questões, o que se estabeleceu como um lugar de trocas, de confrontações sobre as descobertas psicanalíticas. Isto se impôs como condição para a transmissão da teoria psicanalítica. Numa formação psicanalítica ainda que não se espere que sua teoria seja ensinada, ao modo de professor a aluno, consideramos a sua possibilidade de transmissão tendo como princípio o que de uma análise se produz e pelo que se efetiva nas transferências de trabalho, através de leituras compartilhadas em grupos de estudos em torno de um tema, seja pela produção oral e escrita daquilo que a clínica, à nossa formação nos convoca em questionamentos, possibilitando produzir e escutar a marca radical, fundamental, que comporta cada discurso, em apontar a diferença do dizer em sua singularidade mais radical, diante do que nos funda, e, por isso, não cessa de se inscrever. Recorro ao que Lacan nos diz no texto, A Instância da Letra: *“Donde se pode dizer que é na cadeia do significante que o sentido insiste, mas que nenhum dos elementos da cadeia consiste na significação de que ele é capaz nesse mesmo momento”*.⁴ E como sabemos, ao término de uma produção, seja oral ou escrita, mesmo que precisemos colocar um ponto para um encerramento temporário, isto que se presentifica como um limite também nos relança a prosseguir.

Lembremos a longa extensão de fala, numa análise, também levada a efeito por Lacan na qual precisou percorrer, falou durante um longo tempo, até bem perto de sua morte, numa frequência semanal, o que veio a transformar-se em *Seminários*. Estes, sem terem sido redigidos por ele, mas por aqueles que o escutaram. O que foi sua produção oral, fêz-se escrito.

Uma pertença a uma Instituição Psicanalítica, esta que tem por função a transmissão da psicanálise, dos estudos da teoria psicanalítica, atenta ao rigor conceitual, por isso mesmo comprometida com a formação de analistas ou dos que se interessam pela Psicanálise, constitui-se num lugar também fundamental de uma transmissão, espaço para repensar cotidianamente as questões da formação do analista.

Dito isto, prosseguimos afirmando a via legítima em que o analista se constitui, pela análise da transferência, implicado às amarras de seu inconsciente sendo, portanto, confrontado a seu desejo. Uma Instituição de Psicanálise não escapa deste móbil da transferência, o que é possível aí se produzir manifesta-se pelo desdobrar-se dos nomes próprios, às transferências de trabalho entre pares.

Contudo, se reconhecemos a formação do analista pela via das formações do inconsciente, através da análise de transferência, das inscrições às quais cada sujeito fica balizado à vida, esta contingência, nem por isso minimizamos o papel com o qual uma Instituição de Psicanálise se insere como um fundamento para os que desejem praticar a Psicanálise ou os que por ela se interessam.

Pensamos numa Instituição de Psicanálise como mais um espaço no qual tentamos ampliar o que temos a comunicar, bem como a escutar a partir do que se inscreve como diferente, como a cada um é possível articular em suas leituras. Espaço institucional, posto de diferenças frente às quais estamos constantemente, convocados diante das castrações simbólicas que cada analista, cada sujeito, fica implicado nas relações de trocas.

Lembrando o aforismo freudiano: “O eu não é senhor em sua própria casa”. Estas palavras recordam-nos sermos sujeitos estruturados psiquicamente por simples efeito significante, sendo na organização desses efeitos que trabalha a estrutura, mas nem assim seremos senhores, algum dia, do todo que o compõe.

Portanto, a prática analítica é o espaço operatório onde o sujeito se constitui a partir das aparições de seu inconsciente, do que se manifesta em seus atos falhos, lapsos, sintomas, esquecimentos, sonhos e outras expressões. Tais alienações são as que regulamentam e operacionalizam a linguagem que nos faz sujeitos, de onde é possível

advir, nesse reencontro com a palavra, que é como o inconsciente se expressa em sua articulação essencial.

Reportamo-nos então ao que foi uma preocupação constante de Lacan, a releitura da originalidade freudiana da experiência do inconsciente, aludindo à sua máxima “*O inconsciente é estruturado como uma linguagem*”. Ao que segue uma outra afirmação lacaniana, a qual diz que para além de uma palavra, “*É toda a estrutura da linguagem que a experiência analítica descobre no inconsciente*”.⁵ Isto aponta para a especificidade de como se ordenam nossos desejos, sendo estes demarcados em tempos edípicos. É próprio da condição humana uma estrutura da organização psíquica a qual se aporta, sob a égide dos amores edipianos, na relação que o sujeito mantém com a função fálica. No entanto, a ordem da estrutura é instituída pela ordem fálica, através da função paterna e das vicissitudes possíveis nas negociações com o falo – o que faz nossa adesão à conjunção do desejo e da falta.

É por estas inferências que Lacan denomina o Outro como o sistema de linguagem, o qual constitui cada um de nós, e a que estamos submetidos.

Enfim, podemos dizer que se todo sujeito está submetido ao Outro, como sistema linguageiro, o que constatamos é a inscrição de uma falta, a qual nos move a bordejar as primeiras inscrições, só sendo possível contar ou historiar este tempo num endereçamento a uma ordem mítica.

Contamos a partir da morte simbólica do pai - pai enquanto função este que nos funda enquanto sujeitos e interdita a dualidade gozosa, através do falo - o terceiro, posto como objeto deslizante do desejo, só sendo possível apresentar-se por sua dissimetria.

Nesta vetorização aponta-se a lógica da castração, inscrita num primeiro tempo por uma relação apenas aparentemente dual, num segundo momento pela ameaça de perda, e num terceiro instante, sobre o que fazer – como atravessar o que não tinha – o que nunca possuía, mas imaginariamente se possuiu, e que prestou-se como um véu narcísico, obturando, fazendo-nos pensar numa complementaridade equivocada? Resta, portanto, nomear e nomear, permanentemente, o infindável – o Real, este impossível de alcançar,

mesmo com as múltiplas combinações das letras de uma língua que compõem o alfabeto.
Citando Lacan, A Instância da letra...

*“Portanto, é entre o significante do nome próprio de um homem e aquele que o abole metaforicamente que se produz a centelha poética, ainda mais eficaz aqui, para realizar a significação da paternidade, por reproduzir o evento mítico em que Freud reconstruiu a trajetória, no inconsciente de todo homem, do mistério paterno”.*⁶

Em nossa concepção, retomar sempre a questão de uma formação é fundamental como perenidade resultante de uma dívida simbólica com o pai, este que funda a Psicanálise, Sigmund Freud. Assim como a Psicanálise é calcada em seu ato de fundação na clínica com as históricas, o analista responsabiliza-se, pelos desdobramentos de sua escuta, a inscrever na materialidade da letra o que daí faz questão, ou inquietações que urgem por uma via do simbólico, das nomeações, ocasião também em que prestamos conta do que nos é solitário.

A nossa dívida se atualiza, portanto, neste resto infindo do que teremos sempre a dizer, mesmo sabendo que jamais diremos tudo – até porque *tudo* é mera ilusão, ou representação. Ao que nos é barrado, fazendo corte, ficamos à deriva, nesta alienação que estrutura o que é possível comunicar: do interdito emerge a falta, o vazio, hiância posta pelo que desvela, pelo que cai, declina – luto de uma grande perda narcísica – uma dor. Dor que nos crava o peito, que nos angustia, mas ameniza-se por apontar outra direção – não mais fincados no desejo onipotente de *ser* o falo, o eleito, o dileto para o outro – mas presentificado pelo fato de constituir-se movido por um desejo.

Dito de outra forma, o *falo* antes símbolo de poder e completude desvela-se como a abertura de uma cortina que esconde a falta – semelhante a um tempo de fim de análise, que nos move na tentativa sempre renovada de preenchimento do vazio, tempo de responsabilizarmo-nos pelo que reconhecemos como nossos significantes. Num movimento de fechar e abrir a cortina, reporto-me a Borges, em “A memória de Shakespeare”, para dizer o que à minha fala faz embargo: “*Simplesmente a coisa que eu sou, me fará viver*”.

Notas

¹ LACAN, J. (1998[1901]) A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud, in Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 552.

² _____. (1998[1901]) A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud, in Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 508.

³ LACAN, J. O Seminário. A Transferência. Livro 8. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 236-237.

⁴ LACAN, J. (1998[1901]) A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud, in Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 506.

⁵ LACAN, J. (1998[1901]) A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud, in Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

⁶ _____. (1998[1901]) A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud, in Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 511.

⁷ BORGES, J. L. Obras completas de Jorge Luis Borges, volume 3 / Jorge Luis Borges. São Paulo: Globo 2000, p. 451.